

Gaiato



PORTE PAGO

Quinzenário * 28 de Abril de 1984 * Ano XXI — N.º 1047 — Preço 7\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



FESTAS SUL

As férias pascais serão o grande ensaio de tudo que os Rapazes arquitectaram em programa de Festas. Tudo será novo e fruto da sua criatividade. Não admira que as Festas dos Gaiatos encham de luz o coração dos espectadores. Não admira. O contrário é que seria de estranhar. As Festas são obra deles, por eles, para vós. Carregam uma generosidade sem limites em domingos de reflexão conjunta, em noites e noites de ensaio, em sonhos e mais sonhos que lhes ocupam vários meses de imaginação. Tudo é verdade e pureza! Só assim se explica a irresistível atracção que as nossas Festas comportam.

Padre Acílio

CENTRO

Enquanto vou telefonando para várias terras a combinar

datas e a receber alegria dos mordomos, vou ouvindo os «Batatinhas» a ensaiar os seus números. Eles já cantam tão bem que eu fico esquecido a ouvi-los!

O ano passado julgo que o forte foram os cãesinhos. Este ano tenho a impressão, pelo cantar, que também há bichos. Os bichinhos domésticos são sempre o encanto de toda a gente.

O Joãozinho, de 4 anos muito vivos, veio dizer-me: «**Senhor padre, eu também vou às Festas.**» Que lindos olhos ele fez a dar-me a notícia! Eu disse-lhe que se tinha de portar muito bem e cantar. Sorriu-se.

Vós haveis de ver os olhos e o sorriso do Joãozinho, se ele andar bem disposto. E haveis de ver os olhos e os sorrisos de todos os que nos havemos de juntar a fazer as Festas.

Padre Horácio

NORTE

RECTA FINAL — Vamos entrar na segunda ronda: 2 de Maio, Amaranthe Cine-Teatro; 6 de Maio, domingo, às 11 horas da manhã, Festa-repetição no COLISEU DO PORTO. Último abraço, deste ano, aos Amigos da cidade Invicta e da periferia do grande Porto. Acreditamos que já estão suficientemente esclarecidos sobre o horário — 11 horas da manhã. Assim, não se repetirá o problema de 1981.

NOTAS FESTIVAS — De Vila Nova de Famalicão a Bra-

tamos. É uma ressurreição com Cristo. Quem está pois a julgar que não vale a pena dizer coisas altas a gente baixa? O Evangelho é alto? Não. Ele é para nós. Ele está à nossa altura. Então quê? Nós é que temos medo de subir! Quantos não há por aí fora que não acreditam na Ressurreição de Jesus, porque não acreditam na deles — quantos?!

Padre Américo

(in O GAIATO n.º 83, de 3/5/47)

ga, do Coliseu do Porto a Aveiro permanece inalterável o carinho dos nossos Amigos, o entusiasmo de sempre, preferência acentuada nos melhores lugares da plateia e... muita dificuldade na ocupação da geral e da galeria! Todos querem estar mais junto dos «Batatinhas» — reis da Festa — para os mimosearem de rebuçados! Porém, é admirável como os pequenos conseguem manter-se imperturbáveis no meio de tão doces iguarias!...

Em algumas salas registámos a presença de membros do Episcopado, para nós um estímulo. Um dos Prelados mais novos mostrou interesse em conhecer melhor a acção e

Cont. da 4.ª pág.

NOTAS DA QUINZENA

● O Senhor — Servo — Sofredor bem presente no meio de nós — pela Sua Cruz e Ressurreição.

Primeiro, os espinhos, tribunais, entre soldadesca e na noite. Depois, aleluias, flores e luzes — nesta Primavera florida.

Cruz, caminho da Ressurreição.

Cruz e Ressurreição, centro da nossa fé e fonte de Vida. Convergência de todas as nascentes — donde saem e correm pelas encostas verdes todos os regatos.

«O Senhor ressuscitou!» — e está connosco.

Vivemos nós nesta certeza, iluminados pela fé e felizes — a transbordar?

«Porque estais tristes e vives acabrunhados?»

Uma das razões, senão a maior, desta angústia — é o termos perdido o sentido da nossa própria ressurreição e o da verdadeira Pátria. O teimar-

Cont. na 3.ª pág.

PÁSCOA

A nossa Páscoa começou na Quinta-Feira Maior, num ambiente de catacumbas. Assim tinha de ser. Nós somos uma família cristã. É para nós a palavra de ordem, **Pascha nostrum imolatus est Christus**. Eu peço desculpa aos meus leitores da impertinenciazinha do latim, mas sabe-me tão bem! Gosto tanto de dizer tal qual vem nas cartas do Apóstolo: «**A nossa Páscoa é Jesus crucificado.**»

Assim fizemos aqui a nossa preparação com esta verdade eterna. Quem disse que esta sorte de rapazes não escuta, não saboreia, não assimila — quem? Eu acredito nas potências da alma. Eles são terreno adequado.

Depois de Quinta, o Domingo. Há na Aldeia grande interesse. Corria que os do Lar do Porto vinham passar a Páscoa connosco. Falava-se num desafio de bola. Dão-se as derr-

deiras pinceladas no campo, prò que der e vier. Nas casas, os mais pequenos vão às flores. Enfeitam. Os cozinheiros têm instruções de melhorar. Os forneiros, de aumentar. O número de cartas dobra. O do correio vem espantado: — **Olhe práqui!** Não são cartas de família dos rapazes. Eles não têm família! São daquelas pessoas que fazem seus estes nossos. São cartas escritas com lágrimas em vez de tinta!

Chegou o Domingo e com ele tudo como se esperava. Não se cabia dentro da Aldeia, tanta era a alegria! O sacristão pôs os seus dedos no arranjo da Capela. Os melhores brocados. As melhores flores. As pratas. Oiro. Pedras preciosas. Cento e sessenta que foram da entulheira, assistem à Missa da Ressurreição, compenetrados. O orfeão está.

Ressurrexit! Mais latim. Mais

desculpas. Ressuscitou. Estavam ali os ressuscitados. Foi-lhes pregado o facto. Que sim. Que Jesus ressuscitou. Que os Discípulos viram. Que se chamam, por isso mesmo, os Apóstolos da Ressurreição. Os delirantes. Que não sabiam pregar mais nada nem viver mais nada senão somente aquela verdade: «**Ressuscitou; somos testemunhas.**» E deixaram-se matar pela Verdade que pregavam! A seguir, no uso da palavra aos ressuscitados presentes, fez-se a aplicação da doutrina a cada um, que isto é precisamente aonde se encontra toda a riqueza do Evangelho. Que nós devemos viver a ressuscitar. Que todas as vezes que a gente procura emendar-se de uma falta, resistir a uma tentação, expurgar-se de um vício, levantar-se de uma queda, sempre que assim fazemos, com a consciência acesa — ressuci-

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● É Páscoa! Aberto o caminho à ressurreição dos homens, de todos os homens, pela Morte e Ressurreição de Cristo. Boa nova que os Apóstolos transmitiram ao Mundo com toda a Força da sua alma, do seu coração — até ao Martírio! *«Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim!»*

Para assinalarmos a Festa, oferecemos aos Pobres o dobro do habitual, para amêndoas, pão-de-ló..., tradicionais mimos que não falham à mesa comum dos mortais — mesmo em época de austeridade.

Abrimos a bolsa para além do ocasional... Ultrapassámos os cinquenta contos! O tesoureiro põe as mãos na cabeça. Grita um *«alto lá!»* Cumpre o seu dever. E trava o ímpeto, a loucura de todos nós!...

No silêncio do nosso coração passamos então a *bola de neve* à Mão do nosso Mestre e Senhor — Libertador dos Pobres, dos Oprimidos — na esperança de motivar mais corações, onde, quando e como Ele entender, nesta missão d'aliviarmos outros Cristos em agonia permanente, quais naufragos em pleno mar sem tábuas de salvação, cuja aflição descamba sobre nós — que os temos de atender.

● Ela foi à repartição do Fundo de Desemprego. Expôs a situação. Foi ouvida, esclarecida, mas não pôde ser atendida... que o marido já ficou sem trabalho em Agosto/83.

— E agora!? Ela está p'ra dar à luz em cenário de fome...! Não poderá receber o subsídio de nascimento, d'aleitação, regalias que a lei prevê... Agora, são marginais... Temos de botar a mão!

— Oh súplica! É já, no que for preciso...!

— Dinheiro, não...! Compramos os géneros alimentícios que forem precisos. Dinheiro, não senhor!

Temos de ser humildes, sensatos, para agirmos sempre com humildade. No reino dos Pobres não há outro rumo nem outra lógica ou doutrina. É esta e mais nenhuma — humildade!

● Há dias, os jornais trouxeram breves linhas sobre um diploma legal a consagrar em letra de forma na gazeta oficial, dando ênfase protecção à maternidade, às crianças e aos pais. As novas regras estão na mesma linha das que já existem nos países mais evoluídos da Europa — acentua um abalizado comentarista. Quem deixa que sim, que a mãe e a criança — ai o quadro negro acima referido! — cheguem a beneficiar, no todo, em tudo o que a lei prevê! Naquele pobre lar o nascituro será, então, mais alegria — como todos os filhos dos Pobres mais pobres não lançados às sarjetas, e cujas mães não praticam a eutanásia em clínicas sofisticadas...

PARTILHA — Os habituais dez rands de Durban (África do Sul). Mil escudos da Rua República Pe-

ruana — Lisboa. Assinante 9790, de Oliveira da Douro:

«Junto uma pequenina gota (2.000\$) e ousou pedir uma oração ao Senhor a agradecer o dom inestimável da Vida e que Ele nos ampare para que a respeitemos e a defendamos sempre, em nós e nos nossos Irmãos, desde a sua origem, e assim afirmarmos a verdade indestrutível de que só o Senhor é o Senhor da Vida.»

Assinante 10454, 500\$00.

Paço de Arcos:

«A partilha mensal é junta uma importância que se destinava a flores para o funeral do meu querido Pai, mas que ele sempre referiu que se alguém o quisesse homenagear, preferia que a importância correspondente fosse para os Pobres. Cumprindo assim a sua vontade também o mesmo foi feito nos meus serviços. Eis porque a sua urna foi apenas rodeada de um perfume, cuja causa não se podia ver. Deus o tenha consigo.»

Já respondemos a Maria Augusta, de Gaia — uma jovem de 60 anos! — que a sua oferta chegou, mas foi toda para O GAIATO.

Vale de correio, de Algueirão, dividido por vários sectores, cabendo aos Pobres 2.000\$00, *«sendo 1.000\$ referentes aos meses de Março e Abril e os restantes 1.000\$ como lembrança da Santa Páscoa. Como de costume — sublinha esta Amiga — gostaria que fossem entregues a uma senhora doente e idosa.»*

Avenida de Roma, Lisboa, generosa oferta de Casal amigo — *«partilha pequenina do muito que recebemos dos nossos queridos Pais».*

Já temos a quem entregar — acentuámos — o que apressou a remessa!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Os nossos votos de Santa Páscoa!

Júlio Mendes

A VENDA DO JORNAL NO NORTE DO PAÍS

A nossa venda começa à sexta-feira em Aveiro e no Porto. Percorremos os Bancos, Caixas de Previdência e outros departamentos oficiais.

No sábado, os restantes vendedores espalham-se pelo Porto, Espinho, Braga, Póvoa de Varzim e Amarante onde são bem recebidos e acarinhados pelas pessoas destas maravilhosas terras.

Nestas belas cidades do norte do País, temos muitas pessoas que nos acolhem em suas casas; por exemplo, em Aveiro, o João Paulo fica hospedado no Hotel Imperial e é tratado com o maior carinho. Todas as cidades são assim: portas abertas para os nossos rapazes.

A distribuição avulsa de O GAIATO é feita por 21 rapazes e cada um distribui, em média, 120 exemplares da parte da manhã e na parte da tarde mais uns trinta. A média dos vendedores de sábado é de 270 exemplares por cada fim-de-semana.

Cada um tem a sua zona marcada e se algum estiver fora do seu lugar já não está a cumprir o seu dever.

Aos sábados percorremos as casas comerciais, restaurantes e cafés; aos domingos, à frente das igrejas, nos cafés e restaurantes.

O Benjamim é o camisola amarela: à sexta-feira vende 500 jornais nos Bancos e outros locais de comércio. Depois ainda distribui mais 270 no fim-de-semana.

Gostamos imenso do convívio das pessoas, que estão à nossa espera de mãos abertas.

«Engenheiro»

Paço de Sousa

FESTAS — Como nos anos anteriores vamos repetir a nossa Festa no Coliseu do Porto já no próximo dia 6 de Maio, domingo, às 11 horas da manhã. Tenham cuidado! É de manhã e não à tarde!

Os bilhetes estão ao vosso dispor no Espelho da Moda e nas bilheteiras do Coliseu.

Repetimos a Festa porque há pessoas que não puderam ver a primeira devido à idade que já pesa ou ao trabalho no dia seguinte. Nós compreendemos.

Já actuámos em quatro terras: V. N. de Famalicão, Braga, Porto e Aveiro.

Ao princípio tudo parecia difícil, porque alguns dos nossos «Batatinhas» adoeceram com gripe e, à última hora, um ou outro foi substituído. Mas, também para alguns dos nossos rapazes era a primeira vez que representavam.

Em V. N. de Famalicão a sala estava cheia, as pessoas gostaram.

Em Braga a Festa também correu bem.

No Coliseu do Porto a Festa foi uma grande alegria para as gentes da cidade e dos arredores. Já não realizávamos ali um espectáculo há três anos e gostaram muito de nos ver — principalmente de aplaudir os «Batatinhas».

Em Aveiro os nossos rapazes, antes do espectáculo, deram um passeio para conhecerem um pouco melhor a cidade. Ali, os donos do restaurante Bom Sucesso ofereceram-nos um jantar, e agradecemos a sua Amizade por nós.

E há-de correr tudo bem até ao fim, se Deus quiser.

FUTEBOL — No passado dia 8 foi a vez da equipa B jogar com uma equipa de Mózinho. O jogo para nós era mais um convívio que se reali-

Páscoa

Ressurreição de Jesus que veio ao mundo para sofrer, ensinar aos homens o caminho do bem.

A união, a paz, o amor, foi o que mais pregou em Sua Vida,

não obstante os insultos, violências e perseguições, até ao momento cruel de o fazerem carregar uma pesada cruz!

Foi um Herói Humilde

que apesar de tudo saber, muito mais que Seus inimigos, não recusou o sofrimento, morrendo crucificado por amor à Humanidade.

Manuel Henriques



Como embaixadores da Obra da Rua, aí vai um grupo deles, com alegria, distribuir O GAIATO por essas terras além.

zava, e acabámos a vencer por 2-0. São poucas as equipas que nos defrontam! A ver vamos se há mais... para defrontar a nossa equipa B.

FÉRIAS DA PASCOA — Para todas as pessoas mais um pouco de descanso.

Para os que estudam esperamos que as férias cheguem para refrescar um pouco a cabeça.

Já nos vamos preparando para a grande Festa.

A nossa Aldeia em limpezas com o grupo da lenha, nos dormitórios e restantes casas.

Oxalá passem uma boa Páscoa, como nós esperamos passar, se Deus quiser.

José Carlos

Lar Operário em Lamego

■ Hoje não vamos falar do «monumento» ao Luís. Ainda não tivemos coragem para começar. A saúde não tem permitido e os donativos que chegaram não deixam pensar nos alicerces. Bem queremos ganhar ânimo com aquela frase, já aqui escrita, e que um dia nos disseram: **«Os alicerces é só tirar a terra».**

Que nos adianta fazer buracos?!... Não andamos todos a queixar-nos de muitos e variados vazios encontrados no dia a dia?!

Saibamos aguardar activamente, não perdendo de vista a situação do Luís.

■ O Lar de S. Domingos, em Lamego, desde o princípio, é também conhecido por Lar Operário. Agora, porém, só tem dois rapazes que trabalham em oficinas. Todos os outros são pequenitos e frequentam a Escola, ou o Ciclo. As situações familiares a isso nos levam. Não adianta referir o que todos sabemos quanto à derrocada do amor e dos deveres entre pais e filhos, ou entre marido e esposa. Já não se encontra, entre os familiares, aquela devoção de cuidar do afilhado ou do sobrinho cujo sangue é o mesmo.

Apela-se para a Caridade como argumento para receber o menino, mas são os outros que a hão-de praticar. Antes de dizermos que sim, tudo são facilidades e não falta mesmo a promessa: — **Nós também ajudaremos às despesas dos livros.**

Há meses, alguém com bastante responsabilidade de vária ordem, interessou-se por um rapaz, cuja mãe morreu de desastre. Disse tal e tanto que

Cont. na 3.ª pág.

A doença é a resultante natural da fragilidade humana. O homem é um ser débil, muito mais do que naturalmente supõe. E a doença, a coisa mais frequente que lhe advém no decurso do seu viver. Tentar fugir-lhe é inútil tantas vezes. Mas se é penoso cair doente, mais o é tombar de vez, ter nascido incapacitado ou anormal.

E se todo o doente merece o nosso respeito e desvelo, compreensão e amor, o doente crónico muito mais. Pretender esconder a realidade ou apagar da memória as situações que se nos deparam, é sinal de ligeireza de mente, para não falar já de orgulho ou até de medo. Sim, é tantas vezes o medo que nos faz voltar a cara. É que tenho conhecido muita boa gente que receia encarar os doentes e nem deixa que seus filhos os vejam. — **Fazem impressão!**

Calvário

Ora, esta ausência ou falta de presença ao doente isola-o mais no seu penar. Torna-lhe mais doloroso o sofrimento. E é missão do dever que todos temos de amar os que mais precisam.

Mas esta fuga, se é causa de maior dor para os que penam, pode também acarretar consequências negativas no viver dos sãos. A falta de preparação para a doença pode torná-la, quando ela surge, mais penosa ainda. Não digo que se prepare a doença na obsessão. Esta só por si seria doentia. Mas que se não fuja aos doentes, para com eles aprendermos a estar ou a ser doentes,

se porventura o viermos a ser.

E creio que os crónicos, sobretudo aqueles que assim nascem e suportam a invalidez a vida toda, são os melhores mestres. Até suponho que com eles aprendemos a não cair na doença, na medida em que o seu estado pode levar-nos a ser mais cuidadosos, porventura, na prevenção.

Uma mãe que veja uma criança mongolóide, parálitica cerebral, com sequelas de meningite, com poliomielite ou outra enfermidade congénita tomará certamente muitas cautelas com os filhos que Deus lhes der.

Alguém que se debruce sobre um ser paralizado, por acidente vascular cerebral, pensará duas vezes sobre a inconsciência do seu viver desregrado.

Quem contacte com alguém afectado por intemperança no beber, por certo ver-se-á em antecipação, se a sua conduta é semelhante. E talvez oiça o chamamento ao bom caminho.

Quem contemple uma criança que nasceu cega pela fome,

ou é atrasada mental por factores que têm a ver com o comportamento paterno, certamente não deixará de ter os cuidados todos com os filhos que vai tendo.

E assim por diante. No fundo é uma escola viva a presença ao doente. Saibamos frequentá-la. Ganhamos todos com a matrícula.

Ligas de amigos andam por aí nos hospitais e recolhimentos vários e ainda bem! Mas que a motivação não seja apenas a necessidade que os doentes têm de ajuda ou conforto.

Já não falo em colher louros. Outro dia, não muito distante, «amigo» duma Liga pediu-me para lhe recolher alguns doentes inválidos, já com alta há muito tempo num hospital, porque desejava mostrar trabalho e ascender deste modo à direcção da dita Associação. A vaidade mina tudo e é tão subtil!

Que a precisão que todos temos dos doentes nos leve a eles em primeira razão. As demais serão naturalmente abafadas.

Padre Baptista

Novos Assinantes de O GAIATO

Hoje, a **procição** é mais numerosa! Não podemos cruzar os braços, omitir o facto, mas dar-lhe o relevo que merece.

Levamos a inquietação d'O GAIATO para o meio das nossas Festas, na região Norte, e daí têm saído mais leitores do «Famoso». Em Famalicão um ror deles residentes na Vila — com direito a cidade — e das terras periféricas: Landim, Lemenhe, Ribeirão, Antas, Joane, Vermoim, Riba d'Ave, Calendário, Ribeira, Delães, S. Tiago da Cruz, Lousado, etc.

Na cidade dos Arcebispos, o mesmo entusiasmo! Os bracarrens de mãos dadas a outros Amigos daquela zona: Palmeira, Moreira de Cónegos, Tadmim, Vila das Aves, S. Mamede d'Este, S. Jerónimo de Real, Palmeira, etc.

O Coliseu do Porto — na primeira Festa — abriu a porta ao maior grupo, com portuenses de braço dado a bons Amigos de Ermesinde, Vila do Conde, Gondomar (Valbom, S. Cosme, Rio Tinto...), terras da Maia (Águas Santas, Vermoim, Gondim, Milheirós, Gueifães, Castelo...), Vila Nova de Gaia e freguesias do concelho (Candelo, Valadares, Quebrantões, Candal, Carvalhos, Vilar de Andorinho...), Moselos (Lourosa), Frazão (Paços de Ferreira), Custóias, Matosinhos, Leça da Palmeira, Pedorido, Senhora da Hora, S. Mamede de Infesta, etc.

Por acontecimento fortuito, Aveiro passou em claro! Daf saíria, com certeza, uma coluna entusiástica! Fica para outra vez, quiçá à roda do Altar, lugar solene para **compromissos** desta ordem.

Poderíamos ficar aqui — já não seria pouco! Mas não queremos omitir imagens que o

Cont. na 4.ª pág.

o lugar... fica invisível, de pé e a um canto.

Este o maior drama de muitos cristãos, que não têm lugar para o seu Deus. Eles próprios são o seu Deus. Todos os espaços ocupados pelos interesses, cuidados e gostos. Neste mundo, a construção da pátria...

Que pátria neste pobre mundo tão falível e, perante a Eternidade, um breve momento de passagem?!

● O Povo de Deus vivia em tendas — a caminho da terra prometida. Imagem real do que nós devemos ser: Peregrinos no deserto sem pátria — a caminho da verdadeira e eterna.

Não acabrunhados — mas livres e felizes. Certos e conscientes de que a Cruz do Senhor e Sua Ressurreição são fonte inesgotável de misericórdia e o motivo mais forte da nossa esperança.

● A toalha de linho sobre a mesa. Tudo pronto e à nossa espera...

Ai, se todos conhecêssemos o Dom de Deus! Aquele que espera sempre! O que tem ânsia e sede do encontro com cada um de nós!

Padre Telmo

Padre Duarte



FACETAS DE UMA VIDA

CONT. DA EDIÇÃO ANTERIOR

Um dia, o empregado que fazia limpeza no quarto dele e no meu, roubou-lhe o dinheiro que ele deixara em cima da mesa, dinheiro já então dos Pobres: 800\$00, uma fortuna nesse tempo; e fugiu.

Padre Américo comentava para mim:

— Bem feito! Eu andava sempre a gabá-lo de que ele limpava tudo muito bem...

Passada esta experiência de um ano, o Padre Américo foi libertado das suas funções de prefeito e professor do Seminário.

Ia abrir vôo para o seu evangelho, o gaiato da rua. Ficou a residir num quarto, na casa novíssima, um dos outros edifícios que compunham o Seminário. Eu também lá tinha o meu quarto. Todos estranhavam que o senhor Bispo não o nomeasse pároco. Alguém saberá, talvez, como a coisa se processou. Eu não. O padre Américo sofria agora dores horríveis de cabeça, cambaleava, mudava frequentemente de lentes dos seus óculos que então lhe tinham sido recitados como possível remédio(?), fazia tratamentos, duches, etc., não podia ler e escrevia as suas notas para O Correo de Coimbra com dificuldade. Foi capelão nos Casais do Campo, em freiras, etc. Foi dispensado do Breviário, substituído pela recitação do Terço.

Nos anos lectivos de 1936-1937 e 1937-1938, vivemos paredes-meias. Foi então que aprendi com ele os rudimentos da língua inglesa. Uma bela experiência, porque, ali, padre Américo não tinha que se sujeitar ao tal compasso e régua... Voava-se livremente!

Fui, então, seu confidente, o mais fraquinho deste mundo, confidente das alegrias e tristezas, das pequenas e grandes misérias dos grandes e dos pequenos, do seu triunfo, do vencer do seu Evangelho.

Depois a onda do Evangelho espalhou-se pelas ruas e ruelas de Coimbra. Assistíamos comovidos à nova realidade. Quase todos se iam convertendo a ela. Padre Américo calca pedras das calçadas, transpunha portas, subia escadas, pregava a Mensagem nos templos. E as gentes ouviam-no...

Depois foi Miranda do Corvo. Afastado eu de Coimbra, embora não muito, era no entanto o suficiente para já não privar com o meu grande amigo.

Estive, em 1942, salvo erro, pela primeira vez, com ele, em Miranda do Corvo. Era, ali, a alegria, a ressurreição de tantas caritas. Vejo-as e ainda tenho, na boca, o sabor e o cheiro da broa lá cozida e comida! O padre Américo era, já então, um homem diferente... Tenho-o bem nos olhos. Dele todo se desprendia um clarão de alegria, mesmo que coado pelo sofrimento do corpo e da alma. Estive, nessa Casa, várias vezes, até 1945, ou mais, com ele.

Esse clarão é a derradeira imagem que me ficou d'Ele.

Eu desapareci. Nunca mais o vi. Li a notícia da sua morte num jornal...

Agora eu, já velho, revivo este clarão, quando, de quinze em quinze dias, vejo os gaiatos do padre Américo e deles recebo a sua mensagem, o jornal, à porta da Igreja Matriz da Figueira da Foz, depois da Missa das 18, aos sábados.

«Lagriele»

NOTAS DA QUINZENA

Cont. da 1.ª pág.

mos, todos os dias, em construir, neste mundo, a nossa morada. Daf a desolação, a noite e todas as flores murchas.

Outra das razões de nossos passos perdidos está, nós bem o sentimos, em termos perdido de vista o Senhor. Procuramos, e julgamos vê-lo nas imagens queridas, nas bandejas das esmolas, em falsas roupagens e nas promessas feitas e cumpridas. Em tantos corações, Sua imagem real de Senhor e Libertador está esfumada. Também esquecemos tanto que Ele, verdadeiramente, está presente e vivo em nossos Irmãos sofredores:

Na mãe da «Ribeira» que aconchega ao peito ressequido a nétinha-filha de sua filha louca.

Na família de dez e o pai-chefe desempregado.

Nos doentes.

Nos presos.

Vizinhos.

Companheiros de trabalho.

«Vimos o Senhor!»

● Recordámos a Paixão do Senhor. Celebrámos a Sua Páscoa entre cânticos e alegrias.

Para muitos a Páscoa pagá: comida, passeio e gozo. O Senhor não tem cadeira, perdeu



FESTAS

Cont. da 1.ª pág.
a mística da Obra da Rua. Além da habitual generosidade dos empresários das salas, em Vila Nova de Famalicão a coisa foi mais além —

tudo ao preço da chuva, mau grado «a crise comum a todos», afirmação do próprio gerente. Pormenores que nos distanciam das leis do mercado, das réctas de beneficência. Aliás, notámos isso a um ou outro

profissional da Informação, menos esclarecido, para que no seu trabalho transpareça verdade.

— Eu vi! Cheguei a ver o público em bicha, na bilheteira...

— É um encontro d'Amigos...
— Expresso nos lugares ocupados..., no calor do público...!

Depois, foi a peregrinação obrigatória pelos Estabelecimentos Prisionais: segunda, terça e quarta-feira da Semana Santa. Pelas danças e cantares dos «Batatinhas», pelos acordes das violas e a graça dos compères, procurámos uma sintonia final d'ambiente com os mistérios da Paixão, assentes na Esperança da Redenção. Nem mais nem menos, a Mensagem expressa pelos Padres da Rua naquele lugares dolorosos, qual regresso às fontes que serviram de tarimba a Pai Américo e — naquele tempo também — à incipiente acção da Obra da Rua.

PROGRAMA — Há quem pergunte: — A Festa-repetição, no Coliseu do Porto, às 11 horas da manhã de 6 de Maio, domingo, «será igual à primeira sessão? Nós q'ríamos ver tudo...!»

Descansem, bons Amigos! Será tudo na íntegra: mais de trinta quadros sempre com os «Batatinhas» em acção. Dilui-se um pouço a costurada carga d'emoção final, compensada com a presença constante dos reis da Festa; do mais «Batatinha», o Lito, ao Nuno — cabeça de cartaz, rico de descontracção.

Os compères são o que são: Zé Estarola (não confundir com o Esteves!), CaRamuxa, Clotilde e a professora.

Há danças e cantares acompanhados pelo conjunto musical e um ou outro play-back modelado pelo Godinho — que sua as estopinhas quando surge um ligeiro feed-back! O Godinho é uma revelação: pelo assento, pela maturidade que põe na sua discreta acção.

A laia de nota final, eis o poema que serve d'acento tó-

nico, com mensagem transparente:

«É noite...
É Festa...
...a Festa do Gaiato.
Os Amigos vieram deixaram as suas casas vieram até aqui...
... e é aqui que estamos juntos.
No ar a alegria...
...porque amigos
...porque juntos.

Alegria expressa nas cantigas nas palmas no riso,
Alegria que não esquece as realidades da vida nascida da dor enrolada na certeza De que a cruz é uma das cons-
[tantes da vida.

De mãos dadas vamos construindo esta família, gerada no sofrimento a partir de famílias desfeitas, desfeitas por mil razões, razões que se misturam com as culpas de todos nós.

Família... dia a dia mais família com horas boas e más alimentada por aqueles que nela fazem o seu crescimento interior sério e autêntico e chorada... tantas vezes cho-

[rada porque nem com todos assim é. Por isso, é com lágrimas e risos que amassamos o pão de cada [dia.

Família grande de muitos filhos de muita esperança de muitos espinhos, Família que em si mesma resume o grande mistério da [Vida.

Temperada... fortemente temperada [perada

pelo Amor e pelo desamor. É à porta desta família que batem os amigos e nos levam as mais diversas [parcelas de amor

Amor dos ricos dos pobres dos remediados.

Parcelas que juntas geram a continuidade da vida, parcelas de amor que são esteio pão carinho consolo.

Mas à nossa porta batem também os carentes os que não podem ajudar os que precisam de ajuda os que precisam de um tecto para cobrir a sua família vítimas da miséria da doença do abandono.

Conhecemos bem a humildade de quem pede em [aflicção

o que é ao mesmo tempo um conhecimento triste e rico. Conhecimento rico porque a humildade é a mais bela flor que pode nascer no coração do Homem.

E é com tudo isto com todas estas cores com todas estas dores com todas estas flores que hoje fazemos a Festa, Festa de Esperança...
...sobretudo da Esperança, Esperança num amor maior onde caiba a sede que mora no coração de todos nós.»

Júlio Mendes

NORTE

MAIO

2, às 21,30h — **Amarante Cine-Teatro**
Bilhetes à venda: no Amarante Cine-Teatro.

6, às 11 horas da **MANHÃ — COLISEU DO PORTO** (repetição da Festa)
Bilhetes à venda: no Espelho da Moda, Rua dos Clérigos, 54, telefones 23981/2; e bilheteiras do Coliseu do Porto, telef. 25196.

CENTRO

ABRIL

28, às 21h — **Salão dos Bombeiros MIRANDA DO CORVO**

MAIO

1, às 15,30h e 21,30h — **Teatro Avenida COIMBRA**

4, às 18h e 21,30h — **Teatro Cine — COVILHÃ**

5, às 15,30h — **Cinema Gardunha — FUNDÃO**

6, às 15,30h — **Cine-Teatro Avenida CASTELO BRANCO**

11 às 21,30h — **Cine Teatro — TOMAR**

13 às 15,30h — **Salão do Casino FIGUEIRA DA FOZ**

SUL

ABRIL

28, Humanitária de **PALMELA**

30, Sociedade da **QUINTA DO ANJO**

MAIO

11, Teatro Luisa Tody — **SETÚBAL**

19, Cinema de **ÁGUAS DE MOURA**

26, Sociedade das **CABANAS**

JUNHO

2, Bombeiros V. **PINHAL NOVO**

8, Casa do Povo de **AZEITÃO**

Novos Assinantes de O GAIATO

Cont. da 3.ª pág.

Lisboa:
«Peço o favor de me considerarem assinante d'O GAIATO. Junto envio o dinheiro. Sobre um pouquinho, que eu e minha mãe oferecemos. Tão pouco é, quase uma vergonha! Mas não foi aquela pequenina moeda da Viúva tão valorizada pelo Senhor?»

A procissão continua! Mais assinantes novos de Silveira (Torres Vedras), Oeiras, Linda-a-Velha, Pedrouços, Vila Cova (Barcelos), Peniche, Santiago do Cacém, Palmela, Corujas, Moscavide, Cascais, Loures, Matosinhos, Parede e Malverne (África do Sul).

Almancil:
«Pedia o favor de me mandar O GAIATO. Mando só esses 100\$00. É pouco, mas para já não posso mais. Tive de vir para ao pé dos meus filhos, porque o meu marido teve um acidente. Agora só estou a viver com a reforma dele, apenas oito contos.

Aqui estou muito longe da igreja. Não posso ir à Missa. Só quando os meus filhos estão bem dispostos e me levam de carro.

Por isso, O GAIATO é-me indispensável.»

Júlio Mendes

Director: Padre Telmo
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telef. 952285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Chefe de Redacção: Júlio Mendes